

RELÓGIOS DE TEMPOS-OUTROS

ELIVELTO ALVES DE SOUZA¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – elivelto.souza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helenesacco@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como percebemos o tempo, o uso que fazemos dele e a maneira como dele dispomos? Poderia a arte reinventá-lo? Através de um pensamento que busca a renovação da sensibilidade sobre a percepção de tempo, desenvolvo um trabalho com três objetos chamado Relógios de Tempo-outros. Nesse trabalho trago a percepção de tempo através de outras dimensões, re-significando o objeto relógio e me colocando como professor/artista no interior de um processo de criação que proporciona, além de uma abertura ao conhecimento, uma consciência alargada da materialidade do mundo.

A pesquisa e criação dos Relógios de Tempos-outros surgem da minha relação e experiência de permanência nas margens de um rio em Pedro Osório, RS, e foram estimuladas com reflexões no campo de estudo sobre Ética de produção, Ética de consumo, Obsolescência Programada, Neguentropia e Capitalismo. A partir de Vilém Flusser, Alan Lightman, Michel Serres, Francis Ponge e João Francisco Duarte Junior, procuro pensar o nosso lugar no mundo e a forma como o habitamos, trazendo luz a essas reflexões.

Como bolsista do Projeto de Ensino chamado OBJETOCOISA: reflexões sobre a criação, produção, percepção e experiência (2015) coordenado pela Prof^a. Dr^a. Helene Gomes Sacco (Cearte/UFPel), passei a me interessar pela experiência de criação e produção de objetos, observando atentamente o que cada objeto criado pode desencadear de ação e reação no mundo e nos sujeitos. Dessa forma desenvolvi uma percepção mais consciente sobre a produção de objetos, compreendendo que tudo que se faz no mundo vem do mundo, e que assim como os sujeitos inventam os objetos, os objetos também inventam os sujeitos. Segundo Flusser, um sapateiro não faz apenas sapatos, mas através da sua profissão, faz de si mesmo um sapateiro (p. 36 - 37, 2013). Dessa forma a série de Relógios de Tempos-outros obedece a uma produção consciente tanto em termos de materialidade, ao compreender que a forma (in)forma a forma – deste modo fiz uma escolha de materiais atenta com a intenção de informar a dimensão de tempo criada para cada relógio –, quanto em termos de sustentabilidade, ao me preocupar com questões da natureza, descarte e de consumo. Pois é preciso lembrar que tudo no mundo tem uma duração.

O que é um relógio? O que é o tempo contado em um dia? O que um relógio parado suscita? O que é um relógio com barro, espelho ou água no lugar de números e ponteiros? Relógios de Tempos-outros tem origem em relógios danificados adquiridos em um brique, re-significados ao proporem uma percepção de tempo-outro, criados com elementos materiais que informam o tempo da natureza, dos sujeitos e dos objetos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, e se desenvolve através da experiência de criação e reflexão dos Relógios de Tempos-outros e os conhecimentos

envolvidos durante o processo. O trabalho é formado por três objetos que conduzem a forma de um relógio. A partir deles re-significo o tempo mecânico do relógio e crio três dimensões de tempo, em que tenho a intenção de informar o tempo dos sujeitos, o tempo da natureza e o tempo dos objetos, representados, respectivamente, pelo *relógio espelho*, *relógio barro* e *relógio água*.



Figura 1 – *Relógios de Tempos-outros*, Elivelto Souza. Exposição OBJETOCOISA: Produção dos alunos de Percepção 3D e Introdução à Escultura. 2015.

O *relógio espelho* fala de um tempo estilhaçado, fragmentado e também veloz. O relógio é híbrido, como material utilizo barro cozido e espelhos quebrados. Ambos os materiais passam por um tipo de maquinaria. Através da materialidade tenho a intenção de informar o tempo dos sujeitos. O *relógio espelho* reflete a forma como estamos nos movimentando no mundo, cada vez mais dispersivos pela falta de tempo e menos sensíveis às coisas que nos cercam. Direcionados a um modo de vida regido pela lógica do capital motor, somos submetidos em ciclos de trabalho e consumo que sem perceber nos desumanizam e causam um enrijecimento nas relações humanas, cada vez mais breves e fugazes pela falta de tempo. O quanto temos nos permitido pensar sobre a forma como vivemos no mundo? Não temos tido tempo de pensar no tempo!

O tempo da natureza é representado pelo *relógio barro*. Nele o tempo é lento, é materialidade sendo gestada pelo mundo. No lugar dos ponteiros, uma pesada massa de barro cru se espalha pelas engrenagens do relógio de metal, o olho vê e sente a estagnação desse tempo quase congelado. O que somos nós, nossas vidas, diante do tempo do mundo?

O *relógio água* fala do tempo dos objetos. Nele a dimensão de tempo é ilusória e varia a todo instante. A bolha de ar que se forma entre o volume de água e a carcaça do relógio enferrujado fala de um tempo corrosivo, em que a matéria (de)informa a forma, re-significando-a com o passar do tempo até que o objeto corroído metaforicamente perca sua vida.

Após essa apresentação dos Relógios, volto à primeira pergunta da pesquisa através de um questionamento que é a origem de uma reflexão: não seriam os objetos os causadores da criação de um tempo outro no mundo?

O processo que antecipou a criação dos Relógios de tempos-outros está ligado a minha experiência de permanência das margens de um rio em Pedro Osório, RS, onde percebo o tempo passando de forma diferente de quando estou em casa ou na universidade. Nesse lugar realizei coletas do barro presente no

ecossistema e, através de estudos no Atelier de Cerâmica do Centro de Artes/UFPel, orientados pela professora Ana Paula Barbosa (Cearte/UFPel), testei as propriedades do barro e sua capacidade de resistência após ser queimado em forno industrial. Dessa forma a pesquisa que está diretamente ligada a minha experiência com esse material de forma poética, explora também as formas de produção e duração das coisas.

No livro *Sonhos de Einstein*, do escritor Alan Lightman, o tempo é subjetivo. Nele as percepções escapam do ordinário e permitem pensar sobre o tempo de uma forma elástica e extraordinária, contrária ao tempo mecânico, àquele do relógio. Dessa mesma forma, o processo de desenvolvimento do trabalho busca pensar o tempo de forma maleável, propondo assim, através da arte, uma abertura para se pensar o modo como estamos nos relacionando com o tempo no mundo. Essa experiência estética e reflexiva pode promover uma interferência que mostre que a vida pode ser melhor, mais humana, menos corrida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Michel Serres "quanto mais percebemos o mundo, mais o mundo existe e menos ele se arrisca fracassar" (2013, p.83). A capacidade de perceber o entorno não somente sensibiliza o sujeito, mas o ato de perceber pode mudar o percebido.



Figura 2 – Detalhe do *relógio barro*. 2015

A partir de uma interferência entre arte e vida busco enfatizar que a experiência com a arte pode criar uma consciência sobre o tempo do mundo e quem sabe contribuir chamando a atenção daqueles que vivem de forma acelerada e mecanizada. Dessa forma os Relógios de Tempos-outros nascem com o objetivo de despertar nos sujeitos centelhas perceptivas, um estímulo à sensibilidade.

Estamos numa situação mundial de profunda regressão da sensibilidade humana, parte disso decorre do tipo de vida e de educação a que estamos submetidos. Segundo Duarte Junior, "somos educados para a obtenção do

conhecimento inteligível (abstrato, genérico e cerebral) e deseducados no que tange ao saber sensível (concreto, particular e corporal)” (p. 26, 2010). Num cotidiano deteriorado e anestesiado vivemos com medo de “perder tempo”, pois cada vez mais somos direcionados a um modo de vida prático e utilitário. Atividades exercidas por todos nós como passear, conversar e comer têm sido praticadas cada vez mais de modo acelerado e mecanizado, dessa forma nos direcionando ao embrutecimento da capacidade de apreender sensivelmente a realidade do mundo. Nesse sentido a série de Relógios de Tempos-outros conversa com uma educação sensível que se dá através de uma experiência estética e reflexiva que busca promover a percepção de um tempo-outro.

Segundo Francis Ponge (1997) o artista tem um papel modesto, mas também precioso: sua função é consertar o mundo através de seus fragmentos. Não como um mago, mas como um relojoeiro: “Reparador atento da lagosta ou do limão, da colmeia ou da compoteira” (1997, p. 67). O poder para tanto lhe vem de uma sensibilidade para o funcionamento do mundo e de uma intensa necessidade de fazer parte dele. Nesse sentido, a tentativa de consertar relógios danificados de um brique (re-significando-os) estaria ligada a uma tentativa de "consertar" a forma como olhamos para o mundo? Não seria também desafios da arte nos ensinar a ver e a sentir?

4. CONCLUSÕES

A partir de questionamentos que buscam conscientizar os sujeitos sobre seu próprio tempo e o tempo do mundo, a série de Relógios de Tempos-outros conversa com uma forma de educação necessária para o tempo em que vivemos. Nessa experiência, como futuro professor de Artes Visuais, exercito o lugar do sujeito professor/artista/relojoeiro à maneira Pongeariana, tomando “o partido das coisas” e operando com o ordinário, oferecendo brevemente uma percepção outra de tempo que busca religar o sujeito tanto ao tempo presente como à realidade do mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE JR, João Francisco. **A montanha e o videogame: Escritos sobre a Educação**. São Paulo: Papirus, 2010.

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PONGE, Francis. **Métodos**. Rio de Janeiro: Imago Ed.: 1997.

SERRES. Michel. **Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma**. P. 63 - 92 In: O tempo passa. Autêntica Editora, 2013.

VILÉM, Flusser. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.